



Recensão:

Vieira, A. B. (2009). *Aa evolução do Darwinismo*. Lisboa: Fim de Século.

Pedro Fonseca

Grupo de Investigação de
História e Sociologia da
Ciência do Centro de
Estudos Interdisciplinares do
Século XX-CEIS20 -
Universidade de Coimbra

Fundação para a Ciência e
a Tecnologia-FCT

pedrorgfonseca@gmail.com

Recepção: Nov. 2011.

Aprovado para
publicação: Dic. 2011.

“Decorridos 150 anos sobre a publicação de *The Origin*, só ignorância ou má-fé podem explicar a sua [evolução por selecção natural] recusa”
(Vieira, 2009, p. 22-23).

Em 2009 assinalou-se o 150º aniversário da primeira publicação de *A Origem das Espécies...* (1859) e o 200º aniversário do nascimento do seu autor, Charles Robert Darwin (1809-1882). Tratou-se, sem dúvida, de um momento oportuno para homenagear o naturalista inglês e o livro que revolucionou o nosso entendimento do mundo vivo. No entanto, a publicação intensiva de trabalhos alusivos à dupla comemoração darwiniana esteve longo de se cingir à esfera meramente comemorativa. Alguns dos mais influentes pensadores evolucionistas dos nossos dias aproveitaram a ocasião celebrativa para informar e sensibilizar os leitores sobre o que consideram ser uma situação paradoxal e perturbante: numa época em que a veracidade da evolução é corroborada por um enorme e diversificado conjunto de provas, provenientes das mais variadas disciplinas das Ciências da Natureza, as resistências à aceitação da veracidade do “facto” da evolução perduram. Além disso, nas últimas décadas assistiu-se, um pouco por todo o mundo, ao revigoreamento de movimentos de oposição ao evolucionismo. Esta oposição tem vindo a promover modelos explicativos de inspiração criacionista sobre a origem e a diversidade da vida, contando, em alguns casos, com uma excelente estrutura organizativa e com poderosos meios de influência sobre a sociedade civil. Face a este clima de resistência e oposição à evolução, compreende-se que alguns dos mais influentes biólogos evolucionistas da actualidade tenham complementado as suas homenagens a Charles Darwin e à sua teorização biológica com uma síntese expositiva de provas que demonstram que a evolução é um “facto” irrefutável, e, simultânea e conseqüentemente, se tenham esforçado por mostrar que as resistências à sua aceitação carecem de

sentido e que os modelos de explicação alternativos que negam a evolução, embora se apresentem frequentemente ornamentados com o prestigiante rótulo de “teoria científica”, não gozam de qualquer credibilidade no seio do mundo científico, tratando-se, na verdade, de produtos de motivações ideológicas e religiosas. Foi este o procedimento adoptado, por exemplo, pelos conceituados biólogos evolucionistas Richard Dawkins¹ (n. 1941) e Jerry Coyne² (n. 1949). E foi precisamente este o procedimento adoptado pelo proeminente etólogo e evolucionista português António Bracinha Vieira (n. 1941) em *A Evolução do Darwinismo*, que passamos a apresentar.

A obra, escrita em linguagem acessível, encontra-se estruturada em quatro capítulos, precedidos de um capítulo de apresentação da obra (pp. 9-13) e seguidos de um glossário de termos científicos (pp. 83-96) e de uma secção de bibliografia (pp. 97-102). Na “Apresentação”, Bracinha Vieira dá a conhecer os principais motivos que o levaram a escrever este livro:

“Apesar do enraizamento definitivo da teoria da evolução no mundo das ciências, não desapareceram os seus detractores acrícos e acérrimos, que não sabem ou não querem entender os seus fundamentos nem atender aos seus argumentos. Por outro lado, favorecendo este ambiente obscurantista que forças religiosas e ideológicas vêm movendo por toda a parte com poderosos meios, há-de reconhecer-se que o que neste país se chama ‘ensino secundário’ continua a mergulhar o tema da evolução nas névoas da ignorância” (p. 9-10).

No primeiro capítulo, intitulado “Evolução e preconceito”, Bracinha Vieira procura mostrar que o desconforto de certos complexos ideológicos (de base religiosa, política ou económica) em relação à ideia de que os organismos não permanecem inalterados ao longo dos tempos não é de hoje, nem mesmo da época em que Darwin publicou *A Origem das Espécies...* (1859). O mesmo sentimento desconcertante foi manifestado logo nos finais do século XVIII e inícios do século XIX em relação às concepções transformistas do Comte de Buffon (1707-1788), de Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829) e de Geoffrey de Saint-Hilaire (1772-1844). O autor sublinha que este desconforto se revela mais acentuado em sociedades historicamente ligadas a qualquer uma das religiões adâmicas (Judaísmo, Cristianismo, Islamismo), para quem o Homem constitui uma “criação” à parte dos restantes seres vivos. De qualquer modo, como nota Bracinha Vieira, esse desconforto não impediu certos complexos ideológicos de procurarem uma legitimação nos postulados científicos, em geral, e no evolucionismo, em particular:

“desde as primeiras teorizações transformistas, e depois evolucionistas, que as ideologias, por vias ora censórias ora insidiosas, têm procurado obter dos modelos biológicos uma caução para os seus desígnios, como se estes lhes proporcionassem uma justificação enraizada na natureza” (p. 15-16).

¹ Vide Dawkins (2009).

² Vide Coyne (2009).

No segundo capítulo, intitulado "As sínteses evolucionistas", o autor apresenta um esboço histórico do darwinismo. No primeiro capítulo, Bracinha Vieira já havia abordado sumariamente algumas concepções transformistas pré-darwinianas e analisado o impacto da "revolução darwiniana". O autor analisa agora, individualmente e obedecendo a uma sequenciação cronológica, trinta momentos decisivos no percurso histórico do darwinismo ao longo do século XX. No terceiro capítulo, intitulado "Os argumentos da evolução", Bracinha Vieira introduz um conjunto de provas elucidativas (algumas acompanhadas por ilustrações) que mostram que a evolução é inequivocamente um "facto". Algumas dessas provas são, aliás, verdadeiras "provas vivas" da evolução: os traços vestigiais (anatômicos e comportamentais) que os seres vivos conservam apesar de estes terem perdido a sua função original. O autor dá vários exemplos de traços vestigiais nos seres humanos, mostrando sublimemente que algumas das provas mais fortes da evolução podem ser encontrados em muitas das nossas características morfológicas e comportamentais:

"Um dos exemplos mais expressivos é o do 'síndrome do espreguiçar' e do bocejo, que constitui um dos seus elementos. Esta sequência motora, ligada com o sono (para-hípica), desenvolveu-se em répteis ancestrais e foi por eles transmitida separadamente às aves e aos mamíferos, duas classes de vertebrados que evoluíram a partir de répteis" (p. 49).

No quarto e último capítulo, intitulado "Biologia e ideologia", Bracinha Vieira analisa o carácter plurifacetado da oposição à evolução e ao darwinismo, sublinhando, por exemplo, as sistemáticas tentativas de revitalização do Lamarckismo por motivos ideológicos: "Surpreendente é o enlevo com que certos grupos políticos e religiosos – sobretudo os que, na Europa, se ligam ao marxismo e ao cristianismo – tentaram e tentam reabilitar o modelo de Lamarck, através de remanejamentos e reinterpretções retóricas" (p. 68).

Em *A Evolução do Darwinismo*, António Bracinha Vieira propunha-se "concentrar num texto breve e coeso a defesa e demonstração da teoria e dos factos evolucionistas" (p. 10). Acreditamos que o autor, além de cumprir na íntegra o seu objectivo primordial, deu um importante contributo para, por um lado, mostrar que a resistência à aceitação da evolução constitui um verdadeiro paradoxo e, por outro, para descredibilizar a oposição ao evolucionismo, em geral, e ao darwinismo, em particular. Em pouco mais de setenta páginas (se excluirmos as secções do vocabulário e da bibliografia), Bracinha Vieira, escrevendo em linguagem acessível, procedeu à articulação de uma síntese de provas que certificam a veracidade do "facto" da evolução com uma exposição crítica das motivações ideológicas e religiosas dos opositores do evolucionismo, sem, no entanto, negligenciar a componente histórica. Acima de tudo, o autor não comprometeu uma interconexão inteligível (a simples demonstração da veracidade da evolução descredibiliza, por defeito, os modelos explicativos alternativos que assentam precisamente na negação dessa veracidade). A escolha e apresentação de provas que corroboram a veracidade da evolução foi criteriosa e bem sucedida (nomeadamente a apresentação de exemplos de "traços vestigiais"), soube fazer uso da dimensão histórica da oposição ao evolucionismo para fornecer uma imagem compreensiva da componente motivacional dos

opositores da evolução, e apresentou um resumo sintético, mas bem informado, sobre a história do Darwinismo, mostrando como a teoria biológica inaugurada por Charles Darwin acabou por sair fortificada de décadas e décadas de críticas. Quanto a eventuais insuficiências do livro, acreditamos que, embora Bracinha Vieira explique o papel de uma teoria científica (p. 25), a inclusão de uma breve referência ao diferente valor que os termos “teoria” e “hipótese” assumem em linguagem científica e em linguagem corrente teria beneficiado a exposição do autor e ajudado os leitores não especializados em ciências a entender a fragilidade de uma das objecções frequentemente invocadas pelos opositores da evolução: “É apenas uma teoria!”. Acreditamos igualmente que o debate sobre a sociobiologia deveria ter sido incluído como um dos momentos decisivos na história do Darwinismo, em virtude, nomeadamente, da relevância dos temas abordados, da sua dimensão internacional e mediática e da proeminência de muitos dos seus participantes.

A leitura de *A Evolução do Darwinismo* de António Bracinha Vieira disponibiliza informações valiosas sobre o paradoxo da não-aceitação e oposição à evolução nos nossos dias e convida-nos a reflectir sobre as motivações que estão na sua origem. A “ignorância” e a “má-fé” que dificultam a aceitação da evolução constituem, simultaneamente, dois alicerces seguros sobre a qual se erguem a oposição e a promoção de modelos explicativos alternativos. A institucionalização de uma educação científica qualificada e acessível ao maior número de pessoas possível afigura-se, indubitavelmente, como uma medida prioritária. Todavia, importa não esquecer que essa “ignorância” é frequentemente uma “ignorância voluntária”. Muitas pessoas não se sentem preparadas ou simplesmente não querem aceitar a veracidade da evolução ou de outros “factos” estabelecidos pela ciência, por acreditarem que essa aceitação implicaria o abandono ou a reconfiguração das suas crenças religiosas. De resto, a resolução deste dilema parece não depender, pelo menos exclusivamente, da confrontação de argumentos pró-ciência e pró-religião. Segundo Julian Baggini (n. 1968), “these arguments [pró-religião] get short shrift because very few, if any, religious believers were persuaded to adopt their faith on the basis of them. (...) it seems that most religious believers justify their faith by an inner conviction” (Baggini, 2003). No seu livro, Bracinha Vieira informa-nos sobre as origens do “contágio por ideias pseudocientíficas fácies de assimilar, que está na base das crenças colectivas e fanatismos” (p. 23), sublinhando que este remanescente do outrora evolutivamente vantajoso *mimetismo humano* “pode levar à submissão acrítica de inteiros grupos por manipulações premeditadas” (p. 23). Na mesma linha, o biólogo evolucionista norte-americano Edward O. Wilson (n. 1929) defendeu que “the predisposition to religious belief is the most complex and powerful force in the human mind and in all probability an ineradicable part of human nature”, acrescentando que “men, it appears, would rather believe than know” (Wilson, 1978). Acreditamos que o estudo do apelo e da resistência da crença religiosa sobre a mente humana se apresenta como uma área de investigação extremamente fértil e cujos resultados poderão contribuir para a elevação dos debates “Evolução vs. Criação” e “Ciência vs. Religião” a novos patamares. Em suma, com *A Evolução do Darwinismo*, António Bracinha Vieira deu um valioso contributo –em língua portuguesa– para informar os leitores sobre a natureza, a complexidade e a actualidade destes debates.

Bibliografia

- Baggini, J. (2003). *Atheism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Coyne, J. A. (2009). *Why Evolution Is True*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Dawkins, R. (2009). *The Greatest Show on Earth: The Evidence for Evolution*. London: Transworld Publishers [(2009) *O Espectáculo da Vida: A Prova da Evolução*. Tradução de Isabel Mafra. Alfragide: Casa das Letras.]
- Vieira, A. B. (2009). *A Evolução do Darwinismo*. Lisboa: Fim de Século.
- Wilson, E. O. (1978) *On Human Nature*. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press.